

# UM ENSAIO SOBRE AS RELAÇÕES DIALÓGICAS ENTRE AGENTES DE COLETA DO IBGE E INFORMANTES

Maria Aparecida da Costa (UFRN/PPgEL)  
aparecosta@hotmail.com

## Introdução

A linguagem permeia todas as instâncias da vida em sociedade, sendo por meio dessa faculdade inerente ao homem que as relações de alteridade são estabelecidas cotidianamente. Daí porque a compreensão desse fenômeno como uma atividade constitutiva/constituente da ação humana tem despertado o interesse de estudiosos da área, sobretudo aqueles voltados à análise de cunho dialógico e sociodiscursivo, que rejeitam a concepção de língua “[...] como sistema abstrato de formas linguísticas”, ou “como enunciação monológica isolada” (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 2006).

Tendo em vista esse princípio de base e lançando mão da concepção dialógica de linguagem conforme pensada por Bakhtin e o Círculo, o presente ensaio esboça algumas reflexões em torno das relações dialógicas que perpassam o momento da aplicação de questionários de pesquisa usados pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quando estabelecidas entre os agentes de coleta e seus respectivos informantes. Para tanto, considera a multiplicidade de usos da linguagem nesse contexto de ação, quer na modalidade oral, que atravessa todo o momento da entrevista, quer na modalidade escrita, que marca, a título de registro, o conjunto de ações desencadeado nesse processo.

As proposições teóricas que emolduram nossas reflexões provêm da chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD), corrente de orientação linguístico-filosófica articulada a partir dos estudos desenvolvidos por Bakhtin e o Círculo. Os principais tópicos elucidados em nossa análise se reportam aos conceitos de dialogismo, gênero discursivo, enunciação/enunciado concreto e entoação (BAKHTIN, 2003; VOLOCHINOV, 2006; 2011).

No tocante às discussões acerca do questionário de pesquisa, faremos interface com as orientações propostas por Machado & Brito (2009), que discutem a influência das perguntas de questionários sobre as respostas, como procedimento utilizado para coleta de dados em pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico, particularmente nas Ciências Humanas; e Costa & Paz (2013), cujas autoras exploram questões ligadas ao gênero questionário de pesquisa do IBGE, com foco nas atividades de letramento laboral articuladas na referida instituição.

## 1. Primeiras discussões: o questionário de pesquisa


Ao tecer considerações sobre os processos dialógicos nos quais produzimos enunciados, isto é, o modo como organizamos nossa fala nas mais diversas relações de interação estabelecidas no cotidiano, o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (2003) assevera que essa tarefa só é possível se realizada “[...] através de determinados gêneros do discurso”, isto porque “todos os nossos enunciados possuem *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do todo*” (BAKHTIN, 2003, p. 282; grifos do autor). Esses *tipos relativamente estáveis de enunciados*, conceito sobremodo utilizado para definir o que Bakhtin chama de *gêneros do discurso*, podem ser classificados, embora não necessariamente dentro de uma taxionomia, em gêneros discursivos primários (simples) e gêneros discursivos secundários (complexos), decorrentes do primeiro. Assim, segundo o autor,

os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) [...]. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata. (BAKHTIN, 2003, p. 263)

O autor ainda salienta que, por refletirem as condições específicas dos diversos campos da atividade humana, os gêneros do discurso devem apresentar, pelo menos, três características que lhe são recorrentes, a saber: o *conteúdo temático*, um *estilo* de linguagem (permeado pela seleção de recursos gramaticais, lexicais e fraseológicos da língua) e, em um plano mais elevado, a *construção composicional* (BAKHTIN, 2003, p. 261-262).

Com base nesse enquadramento teórico-conceitual proposto por Bakhtin (2003), podemos definir o *questionário de pesquisa* como sendo um gênero discursivo do tipo secundário (complexo), de uso institucional, utilizado, no caso do domínio da Fundação IBGE, exclusivamente nas circunstâncias de trabalho dos técnicos de pesquisa e agentes de coleta<sup>1</sup>. Essa peça escrita integra, assim, a ferramenta central na coleta de dados da instituição, viabilizando o registro oficial das respostas fornecidas pelos informantes (COSTA; PAZ, 2013). De acordo com Costa & Paz (2013, p. 389-390), o referido gênero, do ponto de vista de sua estrutura composicional, caracteriza-se por conter uma série de questões ou perguntas, ou uma sequência de interrogações, obrigatoriamente enumeradas em ordem crescente, cuja finalidade é auferir dados ou informações do interesse de seu entrevistador mediante exigência da instituição.

Fig.1 – Recorte da primeira página do questionário da amostra.

 <b>Censo Demográfico 2010</b> CD 2010 Questionário da Amostra		MUNICÍPIO: <input type="text"/>				
		POSTO DE COLETA: <input type="text"/>				
<b>1 IDENTIFICAÇÃO DO DOMICÍLIO</b>						
1.01 UF	1.02 MUNICÍPIO	1.03 DISTRITO	1.04 SUBDISTRITO	1.05 SETOR	1.06 Nº DA QUADRA	1.07 Nº DA FACE
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
LOCALIDADE:				CEP:		
<input type="text"/>				<input type="text"/>		
LOGRADOURO: (Endereço completo)						
<input type="text"/>						
<b>ESPÉCIES DE DOMICÍLIO OCUPADO</b>						
1.08	<input type="checkbox"/> 1 - DOMICÍLIO PARTICULAR PERMANENTE OCUPADO			<input type="checkbox"/> 6 - DOMICÍLIO COLETIVO COM MORADOR		
	<input type="checkbox"/> 5 - DOMICÍLIO PARTICULAR IMPROVISADO OCUPADO			Sigla 1.09		

Fonte: Questionário da Amostra, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/coleta/questionarios>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

<sup>1</sup> Até o Censo Demográfico de 2000, os questionários de pesquisa (doravante q.p., para esta nota) eram todos produzidos em papel. Após os Censos 2007, a coleta de dados passou a ser realizada exclusivamente em formulários digitais, disponibilizados em um computador portátil, conhecido pela sigla PDA (da expressão em inglês *Personal Digital Assistant*, ou Assistente Pessoal Digital), de uso padronizado pela Fundação IBGE e com conteúdo semelhante ao dos questionários tradicionais. Consequentemente, a adoção do questionário virtual se estendeu, assim, a todas as pesquisas realizadas pelo referido órgão, que, em sua *homepage*, possibilita que esse instrumento de coleta seja baixado livremente (dependendo da pesquisa, alguns q.p. podem ser preenchidos virtualmente por meio de programa específico, enquanto outros, em formato PDF, servem apenas para visualização). Optamos por não entrar nas discussões relacionadas à mudança desse suporte, uma vez que não é este o foco do nosso estudo, e sim a relação dialógica entre os agentes de coleta do IBGE e informantes durante o uso do q.p. enquanto artefato mediador dessa ação.

No tocante ao conteúdo constitutivo dos questionários, as autoras ressaltam que as perguntas que integram o *corpus* desse artefato podem ser de caráter *objetivo* (cf. Fig.1), com opções de respostas pré-definidas, predominantes nesses questionários em termos quantitativos; ou *discursivo* (cf. Fig.2), com oferta de respostas abertas ao interlocutor (COSTA; PAZ, 2013), como nome completo do informante, município da coleta etc., e anotações complementares, necessariamente registradas no campo *Observações*, que, dependendo do modelo, pode constar na última página desse artefato.

Fig.2 – Recorte da última página do questionário da amostra.

7 PARA DOMICÍLIOS PARTICULARES – MORTALIDADE				
7.01 - DE AGOSTO DE 2009 A JULHO DE 2010, FALECEU ALGUMA PESSOA QUE MORAVA COM VOCÊ(S)? (Inclusive crianças recém-nascidas e idosos)				
<input type="checkbox"/> 1 - SIM (Siga 7.02)		<input type="checkbox"/> 2 - NÃO (Encerre a entrevista)		
7.02 - NOME Siga 7.03	7.03 - MÊS E ANO DE FALECIMENTO Siga 7.04	7.04 - SEXO 1 - M 2 - F Siga 7.05	7.05 - IDADE AO FALECER	
			7.051 - EM ANOS UM ANO OU MAIS	7.052 - EM MESES MENOS DE UM ANO
	<input type="checkbox"/> 1 - Agosto de 2009	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="checkbox"/> 2 - Setembro de 2009	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="checkbox"/> .....	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="checkbox"/> 11 - Junho de 2010	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
	<input type="checkbox"/> 12 - Julho de 2010	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>
OBSERVAÇÕES				
.....				
.....				
.....				
.....				
.....				
.....				
.....				
.....				

Fonte: Questionário da Amostra, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/coleta/questionarios>>. Acesso em: 08 jul. 2014.

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, o verbete questionário apresenta as seguintes definições:

questionário. *s.m. (sXIV)* 1 compilação ou série de questões 1.1 sequência de perguntas feitas para servir de guia a uma investigação, uma entrevista <*q. do censo*> 2 JUR relação de quesitos formulados aos membros do tribunal do júri, relativos ao réu e ao fato delituoso © ETIM questão sob a f.rad. *question-* +-ário; cp. lat. *quaestionarius*, ì 'carrasco, verdugo, o que aplica a tortura'; ver <sup>2</sup> *quer-* © SIN/VAR questionário (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 2356)

Note-se que a acepção dada no tópico 1/1.1 insere o termo em questão no mesmo campo de atividade do gênero *entrevista*, que consiste, segundo Morgan (1988 apud BOGDAN & BIKLEN, 2006, p.134), numa conversa intencional, geralmente estabelecida entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais participantes, dirigida por um entrevistador, com o objetivo de obter informações específicas sobre outrem. Essa semelhança

semântico-pragmática, própria dos gêneros discursivos, denota a pertinência entre a ação de se aplicar o questionário de pesquisa, isto é, proceder com a entrevista, e o questionário como artefato mediador dessa ação, reforçando a concepção bakhtiniana de gênero.

Machado & Brito (2009), todavia, ao citarem Blanchet (1996 apud MACHADO; BRITO, 2009, p. 3-4), traçam uma diferenciação entre a entrevista e o questionário de pesquisa, do ponto de vista da funcionalidade desses gêneros. Para o citado autor, a entrevista, por ser oral, diretiva ou semidiretiva, impõe “um tipo de interação da qual dificilmente o entrevistado pode escapar”, ao passo que no caso dos questionários, que é um artefato já dado, pronto, tal imposição se apresenta de maneira mais acentuada, visto que impedem qualquer processo de negociação entre os interlocutores quando da relação aplicador (no caso do Censo, por exemplo, trata-se do agente de coleta) *versus* informante (cidadão domiciliado).

Ao discorrer sobre a relação social entre os interlocutores durante atividades de coleta de dados em pesquisas, Machado & Brito (2009) esclarecem que essa relação “[...] é sempre assimétrica, com posição superior sendo ocupada pelo pesquisador”, muito embora, em alguns casos, sejam os entrevistados que ocupem essa posição, uma vez que são estes, afinal, que detêm as respostas que interessam ao pesquisador/entrevistador (Bourdieu, 1993; Delamotte-Legrand, 1996 apud MACHADO & BRITO, 2009, p. 3).

De acordo com informações colhidas junto ao documento *Modalidades Alternativas de Censos Demográficos: Desenho Conceitual*, disponível na página virtual do IBGE, há, por parte dos técnicos responsáveis pela elaboração do formato e das perguntas que compõem os questionários de pesquisa, o chamado *modelo operacional*, uma acentuada preocupação no sentido de que essa prática resulte no melhor método possível para o levantamento das informações de interesse de cada pesquisa.

A esse respeito, o citado documento explicita:

O presente documento apresenta o estágio atual dos trabalhos realizados pelo Grupo de Trabalho Desenho Conceitual constituído em 2004 para estudar o conteúdo dos questionários a serem aplicados em uma nova modalidade de censo demográfico. Como esse estudo se ocupa em buscar a melhor forma de atender a crescente demanda por informações sobre as características da população e dos domicílios, o grupo tem como objetivo estudar o conteúdo do questionário e a formulação definitiva das perguntas que depende dos procedimentos de coleta adotados e da forma planejada de acumulação.<sup>2</sup>

Preliminarmente, é possível depreender que o questionário de pesquisa do IBGE é elaborado a partir de dois pressupostos primordiais: a) o propósito da pesquisa pretendida (*princípio de intencionalidade*) e b) o informante em potencial (*relação de alteridade*).

Observe-se, desse modo, que mesmo antes de qualquer resposta dada, o outro (informante ainda desconhecido) não está mudo: sua voz começa a se fazer ouvir a partir do momento em que as perguntas – que, por sua natureza bivocal, necessariamente reclamam respostas – são pensadas pela equipe técnica que as elabora. Há, portanto, um vislumbre quanto ao papel do outro, por parte dos técnicos que discutem o formato e as questões que compõem esse artefato.

Sobre essas questões, centrais em nossa reflexão, passaremos a discutir agora.

---

<sup>2</sup> Disponível em:

<[http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo\\_continuo/modelo\\_operacional/questionario.shtm](http://www.ibge.com.br/home/estatistica/populacao/censo_continuo/modelo_operacional/questionario.shtm)>. Acesso em: 08 out. 2013. Observe-se que, apesar do referido documento fazer menção somente aos questionários utilizados nos censos demográficos, o propósito, aqui, foi enfatizar a existência de uma equipe técnica voltada especificamente para a elaboração desse artefato, com foco no seu conteúdo. O mesmo ocorre quando da elaboração dos questionários das demais pesquisas, os quais sofrem alterações em seu formato a cada edição, em vista da constante necessidade de reformulações.

## 2. Das relações dialógicas entre os agentes de coleta do IBGE e seus informantes

Para Bakhtin, toda e qualquer relação dialógica pressupõe linguagem e apresenta índole específica, visto que atende simultaneamente a uma lógica (no plano das ideias) e materializa-se linguisticamente (no plano sintático-composicional). O autor ainda afirma que essas relações “só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso”, visto que “onde não há palavra não há linguagem e nem pode haver relações”:

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica.” (BAKHTIN, 2003, p.323)

Logo, todo enunciado é essencialmente dialógico, razão porque “envolve *responsividade* e, por conseguinte, juízo de valor” (BAKHTIN, 2003, p. 328; grifos do autor). Ressalte-se que o conceito de enunciado a que nos reportamos aqui diz respeito, de acordo com Silva (2012), à

manifestação em que se instauram parceiros discursivos, de forma presencial ou não, que pode ser materializada em diferentes materialidades (verbais, visuais, sonoras, verbo-visuais sonoras etc.) e que tem como aspecto constitutivo não apenas as condições de sua produção, mas as condições de circulação e recepção que se estabelecem a cada evento discursivo. (SILVA, 2012, p. 219)

Em se tratando da aplicação de questionários de pesquisa enquanto evento discursivo, os parceiros discursivos diretamente envolvidos nessa ação compreendem, respectivamente, o agente de pesquisa, também chamado de agente de coleta, e o informante, que é o cidadão comum, domiciliado em uma dada circunscrição regional (setor a ser coletado, que pode ser um bairro, uma comunidade rural, uma quadra etc., cujo critério é definido pela Fundação IBGE segundo a abrangência da pesquisa pretendida).

Nessa perspectiva, é na interação, gerada no embate pela busca das informações requeridas nos questionários, que as respostas dadas pelo informante passam de meras sentenças linguístico-pragmáticas para a condição de enunciados concretos. Nesse estágio, em que há um confronto de vozes, essas enunciações ganham autoria, ainda que a resposta fornecida seja constituída de uma única palavra (no caso de respostas do tipo “Sim” / “Não”), pois, segundo Bakhtin (1981 [1929/63]), “as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado, inclusive no íntimo de uma palavra isolada se nela se chocam dialogicamente duas vozes”.

Fig. 3 – Excerto com exemplo de pergunta para resposta “Sim” / “Não”.

2.08 - NESTE DOMICÍLIO, TERRENO OU PROPRIEDADE EXISTE  
SANITÁRIO UTILIZADO PELOS MORADORES?

1 - SIM → Siga quesito 2.09

2 - NÃO → Passe para o quesito 2.10

Fonte: Questionário Básico, Censo Demográfico 2000. Disponível em:  
<[http://www.ibge.gov.br/censo/quest\\_basico.pdf](http://www.ibge.gov.br/censo/quest_basico.pdf)> Acesso em: 12 jul. 2014.

Tendo em vista os papéis sociais desempenhados por cada um desses participantes, essas vozes são constituídas das enunciações proferidas pelo agente de coleta, quando emite a

pergunta, e pelo informante, quando a responde, cuja arquitetônica se delinea de maneira respectiva e simultaneamente, trazendo no seu bojo diferentes e múltiplas vozes (institucionais, familiares, etc.).

A autoria, no caso de uma entrevista para fins de coleta, é revelada pelo fato de que as respostas fornecidas se tornam discurso, isto é, elas chegam ao seu interlocutor direto como um agregado de semioses, plenas de significação. Assim, para que uma resposta seja dada ou formulada, é necessário que ela tenha, antes de tudo, formado uma consciência, resultado de uma compreensão responsiva, ainda que parcial. Desse modo, um simples menear de cabeça por parte do informante, seja esse meneio um gesto positivo ou negativo, quando seguido ou acompanhado de uma resposta verbalizada oralmente, já revela em si um posicionamento, um juízo de valor. A respeito dessas questões, Bakhtin (2003, p. 348) afirma categoricamente:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.

Nessa relação triangular, e logo polifônica, observamos, de maneira simultânea, o “eu que fala”, a pessoa de quem esse “eu” toma a palavra e, evidentemente, a pessoa a quem esse “eu” se dirige. Assim, é nessa dimensão sócio-discursiva, pois, que

[...] o discurso é marcado pelo dialogismo, pela preocupação com o outro, aquele com quem o sujeito interage diretamente no processo de interlocução e indiretamente por meio da polifonia. Dialógico porque se concebe num espaço de interação com o outro e se constrói por meio dessa mesma interação de acordo com os interesses do locutor e das imagens que este faz do interlocutor ou supõe que este faz dele. Polifônico porque, apesar de ser proferido por um sujeito específico, é perpassado por outras vozes, outras visões de mundo. (SOERENSEN, 200-?, p.5)

Outro aspecto característico ao evento objeto de nossa reflexão é a *entoação*<sup>3</sup>. Segundo Volochinov (2011), o fenômeno da entoação, que é de natureza social por excelência e por meio do qual o falante executa a interlocução autêntica, “*sempre está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito*. Na entoação, o discurso entra diretamente em contato com a vida. [...] Ela é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante. (VOLOCHINOV, 2011; grifos do autor).

Sob esse enfoque, o modo como o entrevistador se apresenta, sobretudo quando lança mão da palavra falada, que é o primeiro movimento retórico-discursivo da entrevista, a sua postura diante do seu interlocutor, bem como o tom dado às palavras selecionadas para “explicar” a pergunta contida no questionário de pesquisa, no sentido de adequá-la ao entendimento do informante, são fatores determinantes para o sucesso ou insucesso do andamento da coleta. Ainda em consonância com o pensamento de Volochinov (2011), a entoação, nesse caso, “estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal”, uma vez que “a entoação genuína, viva, transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer”.

---

<sup>3</sup> Em *Discurso na vida e discurso na arte*, escrito por Volochinov e Bakhtin em 1926, os autores utilizam o termo *entoação*, que parece ter sido traduzido por Faraco e Tezza com o mesmo sentido de *entonação*, cujo verbete é o mais recorrente nas obras posteriores atribuídas a Bakhtin. Diante disso, optamos pelo uso do primeiro termo, *entoação*, em respeito à tradução adotada por nosso estudo.

Conforme os apontamentos traçados nesse estudo, depreende-se que o cenário de uma entrevista, visto como um território linguístico socialmente organizado, é dialógico sobretudo porque as atividades de linguagem orais e escritas aí desenvolvidas são mais amplas que o simples diálogo decorrente do encontro entre o agente de coleta e seu informante. Nesse jogo, ambos os parceiros discursivos organizam o seu *projeto de dizer*: o primeiro, na condição de entrevistador, o faz para aproximar da melhor forma possível o informante ao propósito a que a pesquisa se presta; e o segundo, enquanto interlocutor direto, para corresponder (ou não) à expectativa do seu inquiridor (ser ou não convincente perante uma resposta, refutar, fazer retomadas, omitir, etc.).

## Considerações finais

Uma vez que nosso estudo não se propôs a analisar um *corpus* específico, buscamos, através das reflexões ora apresentadas, nos apropriar da concepção bakhtiniana de linguagem concebida como uma atividade humana responsiva e carregada de valoração, tomando por base a aplicação de questionários de pesquisa de uso institucional. Esse evento, embora descrito aqui como uma situação genérica, pontuou como os processos dialógicos são constitutivos e constituintes da relação entre os parceiros discursivos nela envolvidos.

Mesmo em um questionário que comporta uma expressiva quantidade de respostas fechadas, semiprontas, a resposta/palavra final, materializada por meio de enunciados, nunca está plenamente dada, devido à *insuficiência* da palavra escrita diante de dada situação comunicativa. Nesse ponto, reportamo-nos ao pensamento de Bakhtin, segundo o qual o agora-dito sempre retoma algo já-dito, no mesmo instante em que fomenta o que virá a se dizer (devir), e é esse fluxo que gera o que o autor chama de uma *cadeia infinita de enunciados*.

Ao ser inquirido por um agente de coleta, o informante poderá, pois, expressar o desejo de dizer mais – além do que a pergunta requer –, ou menos, ou de fazer retomadas ante algumas perguntas consideradas embaraçosas ou ininteligíveis. Para que esse ciclo responsivo aconteça, observamos que diversos fatores entram em cena, como a forma de abordagem do agente (ríspido, comunicativo, objetivo, vago, etc.); o local da aplicação do artefato (na casa do informante, numa via pública, no seu ambiente de trabalho etc.); o grau de instrução do informante; a extensão do questionário (curto, de poucas páginas, ou grande, com muitas perguntas), dentre outros aspectos peculiares a esse evento sócio-comunicativo.

Salientamos, por fim, que as categorias utilizadas para essas reflexões não esgotam nem de longe as possibilidades de análise para a situação pensada, visto que essa relação engendra diálogos muito mais amplos e significativos do que os propriamente estabelecidos durante uma entrevista para coleta de dados. Cada resposta fornecida, quando valorada pela própria história de vida do seu informante, traz consigo muito além do que a palavra, monologicamente isolada no *corpus* do questionário de pesquisa, é capaz de comportar, pois as enunciações produzidas dialogicamente são, afinal, de ordem extralinguística.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introd. e trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. O discurso em Dostoiévski. In: \_\_\_\_\_. *Problemas da Poética em Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense, 1981 [1929/63].

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 2006.

COSTA, M. A.; PAZ, A. M. O. Evento de letramento no trabalho: descrevendo a aplicação do gênero questionário na Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC) In: MEDEIROS, M. A. S.; MEDEIROS, C. M. (Org.). *Estudos linguísticos diferenciados: da linguística ao ensino de língua materna*. Natal: EDUFRN, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, A. R.; BRITO, C. *O agir linguageiro em questionário de pesquisa* (2009). Disponível em: <moodle.stoa.usp.br/file.php/791/ARM\_CB\_ComLisboa.pdf.> Acesso em: 28 set. 2011.

SILVA, A.P.P.F. Texto e enunciado concreto: chegadas e partidas. *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*. V.2, Edição 9, Ano V, p. 207-223, jul. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaeutomia.com.br/v2/category/edicao-9-ano-v-jul2012/>>. Acesso em: 04 jul. 2014.

SOERENSEN, C. A profusão temática em Mikhail Bakhtin: dialogismo, polifonia e carnavalização (200-?). *Revista Travessias*. Disponível em: <<http://www.unioeste.br/travessias>> Acesso em: 05 jul. 2014.

VOLOCHINOV, V. N. Discurso na vida e discurso na arte. (Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza). In: BAKHTIN, M. *Palavra própria e palavra outra: na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.

\_\_\_\_\_.; BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia de linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.